



Freire: mesmo perseguindo comunistas, Geisel defendeu liberdade

Freire critica China e URSS e elogia Geisel

Rio — A entrevista do candidato do PCB à Presidência, Roberto Freire, aos correspondentes estrangeiros na tarde de ontem na sede da Confederação Nacional do Comércio, no Rio foi pontuada por momentos de descontração proporcionados pelo fato de a maioria dos jornalistas presentes representar órgãos de Imprensa de países sociais-democratas e comunistas. A afinidade ideológica, entretanto, não impediu que os correspondentes sabatinassem o candidato sobre suas posições “mais para sociais-democráticas do que para comunistas”.

Os modelos soviético e chinês de comunismo foram então criticados por Freire. Ele defendeu a adoção do socialismo pela via de social-democracia e atribuiu as recentes crises do comunismo na China e as reformas na URSS justamente à falta de liberdade. Mas Freire deixou os jornalistas surpresos quando elogiou atitudes do governo do presidente Ernesto Geisel, como a recusa do Brasil em formar um bloco militar no Atlântico Sul e o apoio à descolonização de países africanos: “Mesmo sendo um governo que perseguia comunistas, trabalhou em defesa da liberdade

algumas vezes”.

Stroessner

O candidato também não foi poupado de perguntas constrangedoras, como se abrigaria o presidente deposto do Paraguai Alfredo Stroessner, no Brasil, caso fosse presidente, e de que lado ficaria no caso de uma hipotética guerra entre o Brasil e a URSS, numa alusão às declarações do líder comunista Luis Carlos Prestes de que combateria ao lado da nação comunista. Freire mais uma vez causou perplexidade ao garantir que concederia asilo ao ditador desde que ficasse comprovado que Stroessner corria risco de vida: “Independente das posições políticas, sou favorável ao direito de asilo político”, garantiu. Quanto à possibilidade de uma batalha com a URSS, Freire tranquilizou: “Ficaria do lado do Brasil”.

Freire prometeu também não reabrir nenhum processo contra os militares, já que a anistia foi concedida pela Constituinte. “Para o PCB, a revanche não tem lugar na história”, teorizou. O candidato também elogiou as pressões internacionais quanto à devastação da Amazônia no sentido “em que incentivam a formação de uma consciência ecológica”.